

UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES REGIONAIS VENEZUELANAS E AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DO PAÍS.

Por Rafael Araujo¹

Tempo Presente/UFRJ

rafa.ara@gmail.com ou rafael@tempopresente.org

Ao analisarmos os resultados das eleições regionais na Venezuela para o PSUV (Partido Socialista Unido de Venezuela) e o Chavismo não podemos cair na antítese vitória e derrota. Caso tomemos essa vertente, poderíamos correr o risco de acreditar no grande êxito dos opositores ao Chávez ou numa euforia vermelha, se defendermos a tese de uma esmagadora vitória do PSUV.

Neste sentido, acreditamos que os resultados do processo eleitoral ratificaram o apoio ao chavismo. Esta argumentação é simbolizada na vitória em 80% das prefeituras e 74% dos governos estaduais dos candidatos pesuvistas. Embora alguns alertas tenham sido dados em Estados relevantes nacionalmente, aonde os seus candidatos foram derrotados para o governo estadual, é inegável que do ponto de vista eleitoral, o PSUV saiu fortalecido do pleito. Ademais, a hipótese que levantamos num material anterior², sobre a possibilidade de se apresentar uma terceira via no país com os “chavistas sem socialismo” ou com os “bolivarianos sem socialismo” também foi rechaçada pelos números finais do processo eleitoral. Os independentes alcançaram apenas 463.372 votos, algo semelhante à cifra dos votos nulos. Ou seja, o cenário político do país está cada vez mais polarizado entre os chavistas e os *esquálidos*³ e esse quadro deve ser perpetuar no próximo período. Neste sentido, buscaremos realizar uma análise das eleições de 23N e das perspectivas políticas da revolução bolivariana, num cenário de crise econômica e perante a proposição de Chávez, realizada no último domingo 30 de novembro, sobre a realização de um referendo constitucional que o permita ficar na presidência do país até 2019 ou 2021.

1 – Um balanço dos resultados eleitorais.

Ao contrário do argumentado pelos opositores venezuelanos em seus balanços pós-eleição e

por parte da mídia sul-americana, o chavismo não saiu derrotado do 23N, e muito menos houve um avanço daquele setor no cenário político venezuelano. Ao compararmos os números da oposição em 2006 (candidatura à presidência de Manuel Rosales), 2007 (proposta de referendo constitucional) e o último processo em 23N, veremos que a oposição não obteve um grande crescimento em seu número de votos, mantendo-se na faixa variável dos 4 - 4,5 milhões de votos. Neste sentido, podemos afirmar que há para a direita venezuelana uma margem considerável de pessoas que estão no seu espectro ou que votam em seu grupo por oposição momentânea ou duradoura ao chavismo, num cenário em que a polarização política se consolidou na Venezuela. Este contingente atinge cerca de $\frac{1}{4}$ dos 17 milhões de eleitores, o que permite para a oposição uma relativa margem de barganha política, mas não a possibilidade no curto prazo da retomada do poder.

Não podemos dizer que a direita está crescendo em número de votos e de apoio direto. Nesse quadro, mesmo o rompimento de alguns militantes com o chavismo, como Raul Baduel em 2007 e recentemente Luis Acosta, candidato ao governo do Estado de Carabobo, não contribuíram para o aumento do número de votos na oposição ao chavismo, embora sem sombra de dúvida, essa quebra tenha representado perdas consideráveis para o chavismo e ganhos para os opositores que estão em um processo de reorganização no país.

Devemos avaliar que por mais que os opositores tenham perdido em 80% das 335 prefeituras do país, sendo que 17 capitais, e em 17 dos 23 Estados (incluído aqui o Distrito Capital de Caracas), este setor obteve vitórias em regiões importantes do país. Zulia e Carabobo (centros industrial e econômico), Táchira, fronteira viva com a Colômbia, Nueva Sparta, Miranda (Estado próximo ao Distrito Capital, com aproximadamente 3 milhões de eleitores e um importante centro financeiro). Dessa maneira, os executivos de Estados importantes se direcionaram para o campo opositor, embora na maior parte das prefeituras destas regiões tenha havido uma vitória do chavismo, como é demonstrado no quadro abaixo.

Estados	Carabobo	Distrito Capital	Nueva Sparta	Miranda	Táchira	Zulia
PSUV	11	1	6	15	16	11
Oposição/independente	3	X	5	5	12	7
Total de Municípios	14	1	11	20	28	18

Fontes: Jornal Ultimas Noticias de 25/11/08 e http://www.cne.gob.ve/divulgacion_regionales_2008/

Apontamos, que na realidade, foi o chavismo que deixou de ganhar as eleições regionais, como já havia ocorrido no 2D de 2007. O partido não conseguiu transferir para os seus candidatos o amplo apoio popular à Chávez. Esse dado é exemplificado na comparação dos dados eleitorais de 2006 e 2008. No primeiro, Chávez obteve 7,3 milhões de votos, enquanto no segundo caso, o chavismo logrou cerca de 5 milhões e meio de votos⁴. Dessa maneira, por conta das debilidade organizativas do PSUV e do chavismo o partido deixou de obter um êxito eleitoral ainda maior. A diferença de votos entre os pleitos de 2006 e 2008 não migraram para a oposição, mas foram de indivíduos que se abstiveram de votar no chavismo, seja por desilusão com o governo ou por seguir a tradição de altos índices de abstenção do país, que no último pleito girou em torno dos 35%.

Ademais, devemos agregar alguns elementos para a compreensão de algumas derrotas pesuvistas. A primeira delas refere-se à oposição das bases partidárias e dos setores que giram no entorno do PSUV a algumas figuras do chavismo. O exemplo mais emblemático disso é o do exgovernador de Miranda Diosdado Cabello. Por mais que este seja um dos homens de confiança de Chávez, por estar junto do comandante desde a frustrada tentativa de Golpe de Estado em 1992, Cabello tem contra si a oposição de parte significativa das bases do PSUV, por conta das suspeitas de corrupção e de não alinhamento ideológico ao projeto do Socialismo do Século XXI, sendo por muitos considerado mais um oportunista no interior do processo revolucionário bolivariano. Neste sentido, aferimos de acordo com o que conversamos e ouvimos nas *calles* venezuelanas que muitos votaram contra o PSUV para aplicarem o chamado “voto castigo”, fazendo assim um protesto contra a candidatura de tão controversa figura.

Por outro lado, a oposição venezuelana demonstrou no último pleito a consolidação de sua reorganização. Embora haja divisões internas, que não devem ser superdimensionadas a ponto de levarem a uma fragmentação nos futuros processos de referendo ou eleições presidenciais, a “nova direita” apresenta uma faceta não mais embrenhada do golpismo, mas um discurso legalista, democrático e veementemente crítico ao chavismo, apontando alguns aspectos, que serão tratados posteriormente, por mais que seja pelo viés oportunista e não revolucionário, que em alguns momentos atrai setores que se opõe à forma como Chávez conduz o bolivarianismo.

Na verdade, essa “nova direita” conta com velhos caciques da AD e COPEI¹, Fedecámaras, mídia, apoio financeiro americano, ou seja, os mesmos atores do Golpe de Estado contra Chávez em Abril de 2002. Contudo, um aspecto que a diferencia reside na formação de novos quadros militantes, no apoio de uma parte significativa do movimento estudantil venezuelano e na atração realizada a figuras anteriormente alinhadas ao chavismo. Ademais, já destacamos o discurso democrático e não golpista dessa direita portadora de uma nova roupagem que paulatinamente vem se aproveitando politicamente dos erros e desacertos dos 10 anos de chavismo.

Assim, concluímos que o chavismo não saiu derrotado do último processo eleitoral, mas ofereceu abalos significativos em Estados considerados chaves pela organização. Além disso, o não êxito, tal como a derrota em 2007; serviu para que Chávez mais uma vez propusesse a necessidade do combate a mazelas do chavismo, que serão tratadas no próximo tópico, e a necessidade de consolidação dos “3R” (Revisão, Reimpulso e Retificação)⁵ no chavismo.

Também, devemos nos atentar para a nova fase da direita do país, com a sua vitória em regiões importantes do ponto de vista financeiro e populacional. O discurso golpista parece ter sido deixado de lado, o que é importante num país que apresenta uma tradição democrática como a Venezuela. Por mais que ela não tenha crescido do ponto de vista eleitoral, a consolidação de ¼ dos votantes ao seu grupo pode servir como uma base significativa para o seu crescimento, num momento em que a crise econômica promete abalar o país, e conseqüentemente, o chavismo.

2 – A burocracia, corrupção e ineficiência pública como freios ao processo revolucionário.

Além dos aspectos apontados anteriormente, outros elementos devem ser agregados em nossa avaliação explicativa para derrota do chavismo. As contradições presentes no interior do bolivarianismo, contrapondo um discurso e práticas progressistas e de esquerda, com uma realidade na qual a burocracia partidária e estatal se faz muito presente, agindo como freio para o projeto revolucionário, propiciando más administrações públicas e o flagelo da corrupção. Ademais, a violência urbana, a carestia alimentar e habitacional também são fatores que ainda são bastante fortes na sociedade venezuelana, constituindo-se em elementos

¹ Essas duas agremiações partidárias foram os principais articuladores da democracia burguesa *puntofujista* que estabeleceu-se no país a partir de 1958 e que entrou em ruínas com as mobilizações populares ocorridas em 1989 que ganhou o nome de Caracazo.

geradores de dúvidas e não apoio ao chavismo em momentos decisivos da conjuntura política nacional.

Neste sentido, apesar da Venezuela ser vanguarda hoje na esquerda sul-americana, pouco foi feito pelo chavismo para combater problemas inerentes à cultura política venezuelana que foram implementadas pelos 50 anos da democracia bipartidária *puntofujista*⁶. Neste caso, a burocracia, a corrupção, a impunidade e a insegurança pública são alguns problemas candentes e presentes na sociedade venezuelana hodiernamente que não foram combatidos de forma eficaz em quase 10 anos de governo Chávez.

A burocracia e a corrupção são aspectos que devem ser ressaltados. Estes estão emaranhados de uma forma profunda na cultura política venezuelana. As décadas da democracia *puntofujista* contribuíram para que essas mazelas se consolidassem no país, nas diversas estruturas e escalões da administração pública e no interior dos partidos políticos. Infelizmente estes aspectos ainda estão presentes nas estruturas governistas, sendo um câncer difícil de ser combatido por “El comandante”.

Ressaltamos que o próprio Chávez admite esses aspectos, pois em seus discursos em cadeia nacional e em atividades do PSUV, costuma apontar para o combate da vanguarda bolivariana a estes problemas, para assim, evitar com que a revolução bolivariana se autodestrua por não atender às necessidades mais candentes da população venezuelana.

Neste sentido, acreditamos que a burocracia e a corrupção são os principais aspectos que servem para a desmobilização popular e para a retirada de apoio ao chavismo em alguns momentos.

Na verdade, esses fatores já foram apontados em outras ocasiões como problemas do processo revolucionário bolivariano que precisam ser combatidos para o avanço da consciência revolucionária e para que o chavismo não saia derrotado eleitoralmente em outras oportunidades.

A insegurança pública e a impunidade são outros fatores que completam o quadro que explica algumas derrotas do PSUV. Estes pontos afetam, sobretudo, os grandes centros urbanos, sendo mais incisivo nas regiões mais pobres do país. Um exemplo é Petare, capital do município de Sucre (Estado Miranda), conhecida por ter a maior favela da América e do Ocidente e por haver sido uma região de vanguarda na defesa de Chávez em 2002.

Em Petare, sem sombra de dúvidas, o Chavismo sofreu uma de suas mais dolorosas e chamativas derrotas, não apenas por abrigar a população mais carente que vêm apoiando

Chávez, mas por ser um exemplo vivo e prático dos efeitos negativos ao chavismo do aumento da violência e da desordem administrativa. Nesta região, o candidato Henrique Capriles Radonski, uma das principais lideranças da direita venezuelana, e que teve uma participação ativa no Golpe de Estado em 2002, obteve 56% dos votos, enquanto Diosdado Cabello logrou 43% dos votos⁷.

Assim, acreditamos que os elementos apoiados anteriormente contribuem para retrocessos eleitorais do chavismo e para retirada/afastamento de frações populares do projeto bolivariano.

Esses elementos, já identificados por Chávez, devem ser ferrenhamente combatidos para que novos reveses não ocorram no interior do processo revolucionário. Para isso, os 3R devem ser uma constante presente no processo bolivariano. Além disso, a exacerbação da democracia participativa e organização PSUV, não como uma máquina eleitoral, mas como um partido formador de quadros e guiador do processo revolucionário, devem ser a tônica do chavismo no próximo período.

3 – A proposta de referendo sobre a reeleição presidencial contínua e o Bonapartismo.

Após o 23N, uma nova batalha eleitoral se fará presente na Venezuela no próximo período.

Imediatamente após as eleições, Chávez propôs que o seu partido preparasse a coleta de assinaturas para a proposição de uma emenda constitucional que permitisse a reeleição presidencial contínua, que seria levada a consulta popular via referendo.

Aproveitando-se da vitória do PSUV na maioria dos Estados do país e do fato da crise econômica ainda não ter afetado fortemente a economia venezuelana, marcada pela extrema dependência do petróleo que está em baixa após um longo período de alta⁸, Chávez propôs a medida de reeleição, que se aprovada, poderá fazer com que Chávez tenha a possibilidade de se perpetuar no poder até 2021.

A reeleição contínua esteve presente na proposta de referendo de 2007. Dessa maneira, esta não é algo provocado pela avaliação de grande vitória do PSUV que Chávez e as principais lideranças do partidos fazem. Não acreditamos também, que tal proposição seja permeada por possíveis ideais autoritários e nem por ambição pessoal de Chávez. Para avaliarmos o porquê dessa medida, devemos realizar uma contundente análise das características do processo político venezuelano.

O primeiro elemento é que não há na Venezuela pujantes e fortes movimentos sociais organizados. Essa característica não vem de agora, mas é uma consequência da burocratização

e cooptação pelos atores da falida democracia puntofujista das principais lideranças sociais presentes no interior da outrora grandiosa CTV (Central de Trabajadores da Venezuela), entidade esta que era a maior sindical do país até 2002, ano em que foi criada a UNT (União Nacional dos Trabalhadores).

Ademais, o incipiente parque industrial e o significativo contingente de trabalhadores localizados nos setores informal e terciário da economia, propiciam a existência de um movimento operário frágil e localizado em algumas regiões industriais do país, o que é um empecilho para o desenvolvimento de instâncias sindicais robustas e autônomas.

Um outro elemento que contribui para este quadro é o fato do executivo federal servir como centro aglutinador e orientador do movimento social do país. As missões bolivarianas e os “consejos comunales” são instâncias criadas e controladas pelo executivo a partir do Golpe de Estado de 2002. Estas, embora organizem a massa popular que apóia Chávez, contribui para a geração de um quadro no qual o executivo age como controlador do movimento social, o que dificulta a sua autonomia e perpetua o processo de burocratização presente no chavismo.

Ademais, devemos realizar um debate sobre o significado da liderança de Chávez. Para além do seu carisma, o que inevitavelmente contribui para a mobilização das massas ao seu entorno, avaliamos que o atual presidente Venezuelano é um “bonapartista progressista⁹”. A utilização dessa classificação decorre do fato de Chávez não ter sido um ator social importante na Venezuela até a sua aparição na cena política do país com a frustrada tentativa de Golpe de Estado de 1992.

Chávez até 1992 fazia parte do exército. Sua origem pobre o levou a ingressar nas Forças Armadas, pois esta carreira representava uma perspectiva de ascensão social. Na época do Golpe de 1992, ele era um tenente-coronel que reunia algumas dezenas de militares em um movimento conspirativo chamado MBR (Movimento Bolivariano Revolucionário) que tinha ligação com pequenos partidos de esquerda, mas não a possuía com nenhum movimento social organizado.

Neste sentido, num cenário onde as instituições democráticas do país enfrentavam uma profunda descrença pela população, como uma consequência direta da crise econômica, da corrupção e da ausência de debate ideológico entre as agremiações partidárias, e também perante a atomização dos partidos de esquerda e do movimento social, a aparição de Chávez na cena política do país, assumindo a responsabilidade pela articulação do Golpe e atacando

as mazelas do país realizadas por sua elite, serviu para que sua liderança fosse reconhecida pela população, num cenário onde tanto a direita quanto a esquerda estavam enfraquecidas.

Dessa maneira, a ausência de quadros no movimento social e no PSUV, o personalismo e o carisma de Chávez, tornam o processo revolucionário do país dependente excessivamente de sua figura. Ainda não há no interior do PSUV uma liderança que possa substituir Chávez. Acreditamos que o mais próximo disso seja o seu irmão, recém eleito governador do Estado de Barinas Adán Chávez.

Neste sentido, a fragilidade do PSUV, ainda uma máquina eleitoral e não um partido organizador da revolução bolivariana e formador de quadros; incrementa a dependência dos rumos da revolução bolivariana na figura de Chávez. A possibilidade deste não vir candidato em 2013 dificulta não apenas a possibilidade de logro do PSUV, mas o próprio direcionamento do país ao Socialismo do Século XXI.

Assim, a proposição da emenda constitucional surge como uma possibilidade para que o chavismo saia vitorioso na próxima eleição presidencial, pois o processo ainda é muito dependente da figura de Chávez. Não se trata de aspectos ditatoriais, mais uma necessidade da revolução bolivariana. Evidentemente, a prolongação do mandato de Chávez pode fazer com que o bolivarianismo forme novos quadros e fortaleça o seu partido, abrindo caminho para que uma outra liderança se apresentasse enquanto candidato no pleito de 2021.

¹ Rafael Pinheiro de Araujo é aluno do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é pesquisador do Laboratório TEMPO PRESENTE/UFRJ e bolsista do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES)/Petrobrás.

² *As eleições na Venezuela: perspectivas para o 23N.*
http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4385&Itemid=147

³ Nome pejorativo associado aos setores opositores ao chavismo.

⁴ Fonte: www.cne.gob.ve

⁵ Após a derrota no referendo de 2007, Chávez apontou para a necessidade de que o Chavismo se revitalizasse, propondo para isso os 3R. Com essa proposição, Hugo Chávez busca uma nova dinâmica e organização ao bolivarianismo.

⁶ De 1958-1998 a Venezuela assistiu em seu executivo nacional a alternância entre presidentes e partidos políticos que possuíam programas de governos bem semelhantes e que implementavam uma constante partilha dos cargos públicos. Liderados por AD (Aliança Democrática) e COPEI (), e por figuras políticas emblemáticas como o ex-presidente Rafael Caldera, o pacto de Punto Fijo foi quebrado com o Caracazo de 27 de Fevereiro de 1989, explosão popular contra as medidas neoliberais implementadas no país, e devidamente sepultado em 1998 com a eleição de Hugo Chávez.

⁷ *36% de votos de Capriles salieron de municipios rojos.* El Universal, 27 de noviembre de 2008.

⁸ Em julho deste ano, o barril de petróleo alcançou sua mais alta cifra, ultrapassando os US\$ 147. Porém a tendência de alta observada nos últimos meses reverteu-se bruscamente no 2º semestre, com os preços internacionais do hidrocarboneto apresentando um cenário de queda, chegando em 17/12/08 ao patamar de US\$ 40,00 o barril.

⁹ Acreditamos que Chávez é um bonapartista progressista pelo fato dele ser uma liderança que se coloca como mediador entre as classes internas e entre sua nação e o imperialismo. Este conceito, cunhado por Karl Marx em sua análise da ascensão de Luis Bonaparte na França em 1848, governo que destruiu as instituições democráticas burguesas, reprimiu o proletariado e concentrou todo o poder na figura presidencial, foi aproveitado por Leon Trotsky em sua estadia no México, quando este classificou dois tipos de bonapartismo na América Latina: o “reacionário”, quando reprime as massas populares, o “progressista”, quando se apóia nas forças populares para enfrentar o imperialismo e/ou as oligarquias internas.